

III ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

MARCELO CAMPOS GALUPPO

PAOLA CANTARINI GUERRA

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Diretora Executiva - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini - UNIVEM/FMU - São Paulo

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Representante Discente:

Prof. Dra. Sinara Lacerda Andrade - UNIMAR/FEPODI - São Paulo

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - ESDHC - Minas Gerais

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM - Rio de Janeiro

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - Ceará

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Daniela Marques De Moraes - UNB - Distrito Federal

Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - UNIVEM - São Paulo

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie - São Paulo

Comunicação:

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - Paraíba

Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro - UNOESC - Santa Catarina

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Prof. Dr. José Barroso Filho - ENAJUM

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - São Paulo

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - Paraná

Eventos:

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - Minas Gerais

Profa. Dra. Cinthia Obladen de Almendra Freitas - PUC - Paraná

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - Mato Grosso do Sul

Membro Nato - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UMICAP - Pernambuco

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Marcelo Campos Galuppo; Paola Cantarini Guerra – Florianópolis: CONPEDI, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-324-5

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Saúde: segurança humana para a democracia

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Arte. 3. Literatura. III Encontro Virtual do CONPEDI (1: 2021 : Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



III ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

Apresentamos aqui os trabalhos discutidos dia 25 de junho de 2021, no Grupo de Trabalho (GT) de Direito, Arte e Literatura, do III Encontro Virtual "Saúde: segurança humana para a democracia", do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito - CONPEDI.

O GT, de coordenação dos trabalhos dos Professores Doutores Marcelo Campos Galuppo e Paola Cantarini, envolveu 16 artigos, subdivididos em 5 eixos temáticos, todos trazendo uma abordagem interdisciplinar para o estudo do Direito, contribuindo portanto, para seu estudo científico. Os trabalhos apresentados abriram caminho para uma importante discussão, em que os pesquisadores do Direito puderam interagir, seja após a apresentação do artigo quando objeto de indagações pela coordenação dos trabalhos ou no final das exposições quando se abriu espaço para o amplo debate acadêmico entre todos.

Poucos grupos de trabalho são mais tradicionais e regulares que o grupo Direito, Arte e Literatura. Alguns participantes são constantes, apresentam seus trabalhos e participam das discussões ano após ano, alguns chegam trazendo novas ideias, novas abordagens, novos temas, outros, finalmente, vão mudando seus interesses e, a partir do enfoque do grupo, partem para novas pesquisas, que se desenvolvem de modo mais consistente em outros grupos. A Arte é assim, a Literatura é assim, o Direito é assim e, sobretudo, a vida é assim: um fluxo e refluxo constantes. Nesta edição o grupo contou com dezesseis trabalhos, que os refletem bem, e que podem ser agrupados em cinco blocos.

O primeiro bloco aborda temas da literatura universal e da teoria literária. Felipe da Silva Lopes, discute as funções catártica, estética, cognitiva e político-social da Literatura, desenvolvendo uma teoria que pode ajudar a compreender também as funções do Direito. Foram abordadas as funções da literatura e questionado de que forma alguma de suas funções se aplicaria ao Estado Democrático de Direito.

Christian Kiefer da Silva recorre a peças de William Shakespeare, como Romeu e Julieta, para estudar os efeitos reguladores do Direito dentro da Literatura, a partir de uma perspectiva da pacificação da sociedade em que o teatro se revela como o próprio tempero da vida. Destacou-se, outrossim a função do teatro como o de entender o ser humano, trazendo contribuições para o entendimento, portanto do próprio Direito.

Francisco Gerlandio Gomes dos Santos, Miriam Coutinho de Faria Alves e Carlos Augusto Alcântara Machado, a partir de uma comparação entre Javert (de *Os Miseráveis*) e o Capitão Nascimento (de *A elite da tropa*), investigam a representação social e a função de policiais (indivíduos, mais que de instituições) em uma perspectiva interdisciplinar que une Epistemologia Jurídica e Antropologia jurídica. Por outro lado, houve destaque ao princípio da fraternidade embasando e entrelaçando com as demais postulações dos autores.

Rodrigo de Medeiros Silva e Jarisa Maria Medeiros Silva estudam os problemas temporais e espaciais envolvidos na globalização a partir do personagem Finneas Fog (de *A volta ao mundo em 80 dias*). Finalmente, Diogo José Neves trabalha a concepção de teatro de Bertold Brecht e de Antonin Artaud para, com a metáfora da eliminação do fosso da orquestra, propor uma justiça mais humana, em que a distinção entre espectadores e atores se esvanece. Houve destaque para o aspecto religioso e a sacralidade envolvidos no teatro antigo, nas tragédias gregas, importando em uma concepção passiva do espectador.

No segundo bloco, dois trabalhos investigam o Brasil e seu Direito a partir de três obras importantes da Literatura Brasileira. Andressa Rodrigues de Jesus e Júlio César Barreto Rocha partem do personagem Jeca Tatu, do romance *Urupês* (de Monteiro Lobato) para mostrar que o projeto a deficiência de políticas públicas de saúde no Brasil é muito mais um projeto que um acidente, e, em uma análise dos grandes temas do amazonense Milton Hatoum, Patrícia Helena dos Santos Carneiro, Júlio César Barreto Rocha e Rafael Diogo Lemos estudam a interdisciplinaridade inerente ao conhecimento jurídico e a defesa de valores jurídicos públicos no Brasil.

O terceiro bloco é composto por trabalhos que exploram as artes plásticas e visuais. Renato Duro Dias aplica as concepções de Didi-Huberman e Mitchell para mostrar o espelhamento visual que existe entre a Justiça (e suas representações artísticas) e os cidadãos. Adriana Silva Maillart e Virginia Grace Martins de Oliveira estudam o quadro *Guernica* (de Pablo Picasso), explorando sua simbologia no manifesto visual pela paz, pela liberdade e pela democracia em que a obra se constitui. Por fim, Adriana Rego Cutrim estuda o complexo problema da autoria na arte urbana, em especial nos graffiti, em que as constantes interações entre autor e público tornam quase inúteis os conceitos tradicionais do direito legislado.

No quarto bloco, dedicado ao Direito e Cinema, Fernanda Leontsinis Carvalho Branco e Breno Silveira Moura Alfeu investigam o problema da eutanásia, da ortotanásia e do direito ao término digno da vida a partir dos filmes *Mar adentro* e *Intocáveis*. Raissa Rayanne Gentil de Medeiros, Jessica de Jesus Mota e Kauê Suptitz analisam o filme *Bacurau* para mostrar o modo como o pluralismo jurídico pode se construir como uma prática de construção de um

modo alternativo de vida, abordando o conceito de necropolítica e de seu significado para Achille Mbembe, traçando paralelos e diferenças com o entendimento de conceitos trabalhados por M. Foucault, como o de biopolítica. Por fim, Aline de Almeida Silva Sousa estuda o problema da imprevisibilidade do porvir (e da justiça do porvir) no filme *Dolores*, uma mulher, dois amores; a pesquisa aponta para a problemática atual de uma possível substituição de seres humanos por robôs, considerando, à luz da obra analisada, estes como possuindo sentimentos, sensibilidade, criatividade, ou seja, características humanas, com destaque para seus marcos teóricos principais citados, a saber, Jacques Derrida e Niklas Luhmann.

Finalmente, o quinto bloco reúne trabalhos que, com uma ligação mais fluida com a temática do Grupo de trabalho, ainda assim contribuem para temas a ele ligados. Noemi Lemos Franca, através de uma analogia entre o Aikido (arte marcial moderna japonesa, cujos movimentos assemelham-na a uma dança, em que a proteção do adversário é tão importante quanto a defesa de si próprio) e a Negociação por princípios, desenvolvida em Harvard, investiga a possibilidade de novos modos de composição de conflitos. Por fim, Rubens Beçak e Daniel Leone Estevam, a partir de uma perspectiva que se poderia dizer interna, invocando o conceito de personagem, analisam o papel da Educação em Direitos Humanos e a formação dos policiais.

O leitor pode ver, apenas pela relação acima, como são amplos os temas e as abordagens que o grupo de trabalho Direito, Arte e Literatura comporta. Lendo os trabalhos, ele perceberá também como pode ser frutífera a pesquisa nessas áreas para uma melhor compreensão do Direito.

Através de uma compreensão interdisciplinar, relacionando-se o direito com outras disciplinas, vinculamo-nos, portanto, ao discurso e à permanente evolução, respeitando-se a multiplicidade, a pluralidade, a pluridiscursividade, em contraste com a reificação monológica do discurso, fugindo ao excesso de formalismo que domina a concepção predominante do Direito desde a modernidade, considerando-se apenas as disciplinas como estanques e distanciadas. Tal análise possibilita, por conseguinte, uma compreensão renovada e re-humanizada do Direito, novamente fertilizado por outras abordagens, um Direito vivo, da vida, e não estéril e morto. A análise interdisciplinar, e a utilização da arte na compreensão e análise do Direito, envolvem também, em certo sentido, uma análise crítica e filosófica, aproximando-se de uma abordagem zetética, e não apenas dogmática, levando-se em consideração, por exemplo, o reconhecimento por parte de M. Foucault de que, a filosofia poderia ser interpretada também como teatro e como poética, tal como é a filosofia de Foucault para Deleuze . Com tal proposta interdisciplinar torna-se possível uma nova

compreensão do direito, na esteira da postulação de Foucault quando afirma que devemos pensar em outra política e em outro direito, após a desativação dos dispositivos do biopoder. A arte vincula-se ao atravessamento de devires, forças cosmogênicas, que criam resistências perante os dispositivos do biopoder, sendo um terreno fértil para se repensar e transformar o Direito na era contemporânea.

Paola Cantarini Guerra

Marcelo Campos Galuppo

(Coordenadores)

VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS: O PRENÚNCIO DE UMA GLOBALIZAÇÃO EXCLUDENTE

AROUND THE WORLD IN 80 DAYS: THE HARBOR OF AN EXCLUDING GLOBALIZATION

**Rodrigo de Medeiros Silva
Jarisa Maria Medeiros Silva**

Resumo

O artigo apresenta o livro "A Volta ao Mundo em 80 dias", de Júlio Verne, seus aspectos literários e o perfil visionário do autor, para realizar uma crítica descolonial à globalização que ali era prenunciada. Observa o lugar de fala do escritor, para não cair num anacronismo, termina o trabalho percebendo que, da forma que se deu o estreitamento das relações e as diminuições de distâncias no mundo, ocorreram enormes exclusões. Identifica ironia e bom humor em Verne ao colocar suas preocupações com a modernidade. Demonstra que há um olhar sociológico, retratando a realidade de um mundo em transformação.

Palavras-chave: "a volta ao mundo em 80 dias", Júlio verne, Ficção científica, Globalização, Inclusão/exclusão

Abstract/Resumen/Résumé

The article presents the book "A Volta ao Mundo em 80 dias", its literary aspects and the author's visionary profile, to carry out a decolonial critique of the globalization that was foretold there. Observes the writer's place of speech, so as not to fall into an anachronism, finishes the work by realizing that, in the way that the narrowing of relations and the narrowing of distances in the world, occurred exclusions occurred. Identifies irony and good humor in Verne when placing his concerns with modernity. It demonstrates that there is a sociological look, portraying the reality of a changing world.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: "around the world in 80 days", Jules verne, Science fiction, Globalization, Inclusion / exclusion

1. INTRODUÇÃO

A obra de Júlio Verne, "A Volta ao Mundo em 80 dias", é um marco na literatura de ficção científica. Trata de avanços tecnológicos da época, com a liberdade que os romances permitem em relação para saídas criativas e inesperadas para o prosseguimento da jornada, como pelo lapso temporal para terminar o percurso. Mas além de ser um livro que narra uma aventura, trata de questões atinentes a determinadas áreas de conhecimento como da Física, da Engenharia, da Geografia, dentre outras. Descreve uma realidade, com recorte temporal específico, mas de uma época de mudanças, de transformações com impactos decisivos para o que hoje se chama de globalização.

A ideia de diminuição da distância por meio da tecnologia, um mundo tão grande, tão diferente, é referida num dos diálogos do livro pelo protagonista Phileas Fogg (VERNE, 2018, p.36). É isto que ao fim o presente artigo pretende analisar, o prenúncio da atual globalização, partindo da ideia que é fruto da marcha colonial, com suas imposições, visões estigmatizadas e exclusões ainda com efeitos presentes.

Assim, o primeiro tópico irá falar um pouco do autor e da obra em si. Partindo de um resumo dos acontecimentos, buscar-se-á classificá-la, destacando os principais aspectos, apresentando algumas críticas literárias existentes. Em seguida, sob o olhar descolonial, tendo como referência autores que fazem esta crítica, irá se discutir a globalização que o livro denuncia, numa relação desigual entre países e povos, na qual se busca uma modernidade homogeneizante, inclusiva e excludente.

Trata-se de uma referência na literatura de ficção, e uma análise da sua obra significa um olhar sobre a perspectiva de futuro da época. A importância dos escritos de Júlio Verne pode ser mensurada pela 4.185 traduções que seus livros obtiveram, em 148 línguas diferentes, sendo o segundo autor mais traduzido (BEZERRA, 2016,s/p). Pode se dizer que, por meio de seus livros, contribuiu com o encurtamento da distância no mundo, que dizer, com a globalização.

2. A VOLTA AO MUNDO, UMA INOVAÇÃO CIENTÍFICA E LITERÁRIA

O livro conta a aventura de Phileas Fogg, um inglês impassível, fleumático, um cavalheiro, que aposta com seus amigos do *Reform-Club* ser possível dar a volta ao mundo em 80 dias. Ele é o personagem principal, acompanhado de Jean Passepartout, seu

criado francês; seguido pelo Detetive Fix, inspetor de polícia britânico, que persegue o Sr. Fogg desde Suez, no Egito, por achar que se trata de um ladrão de banco; e a Sra. Aouda, uma jovem indiana, resgatada por Fogg e Pasetout de um ritual macabro na Índia.

Trata-se de uma ficção científica de tipologia narrativa, de caráter fantástico, que vai diluindo a realidade observada (CONCEIÇÃO, 2018, p.345). Pode-se afirmar que Júlio Verne reinventou o gênero do livro de viagens, com esta e outras obras (LITERATURA E PSICOLOGIA, 2020, s/p), inclusive, sendo seu gênero também classificado como romance geográfico de exploração e de aventuras (AMORIM FILHO, 2008, p.112):

Que travessia! Os viajantes, apertados uns contra os outros, não conseguiam conversar. O frio, intensificado pela velocidade cortava-lhes as palavras. O trenó deslizava com tanta leveza na superfície da planície, quando uma embarcação na superfície das águas- sem ondas (VERNE, 2018, p.294).

Ele une a literatura fantástica com ciência, tanto que em determinados pontos fica a dúvida se os feitos são possíveis ou se são criação da imaginação do autor. Isto porque há um caráter realístico na ficção, como dito (CONCEIÇÃO, 2018, p.346).

2.1. Uma breve volta sobre o autor e a obra

O trabalho de Verne possui grande reconhecimento pelo mundo. Ele escreveu 80 livros, montou só ou com colaboradores mais de 15 peças de teatro e algumas de suas histórias viraram filmes, além do livro em análise deste artigo tem-se: Viagem à Lua (Georges Méliès, 1902), Vinte Mil Léguas, Submarinas (Georges Méliès, 1907), Michael Strogoff (J. Searle Dawley, 1910) entre outras edições mais recentes como Viagem ao Centro da Terra (Eric Brevig, 2009) e A Ilha Misteriosa (Mark Sheppard, 2010) (FERREIRA, 2013, p. 15249). Considera-se que ele inaugurou a relação, de forma efetiva, entre literatura e ciência (MARQUES, 2009, p. 5).

Nascido em 1828 e tendo falecido em 1905, presenciou a Revolução Industrial, um momento de grande expansão colonial e maior conhecimento sobre o planeta. Foi um homem de seu tempo e isto é refletido em sua obra. Pode-se perceber pelas descrições das culturas diversas (inglesa, indiana, japonesa, americana), pelo elogio ao progresso e pela constatação da força do capital, no caso o dinheiro inglês:

Phileas Fogg, controlando-se como se essa condenação não lhe disse respeito, nem mesmo franziu o cenho. Mas no momento em que o escrivão chamava outra causa, ele se levantou e disse:

- Pagarei a caução.
- O sem todo o direito-, respondeu o juiz.
- [...]
- confirmo que, considerando a qualidade de estrangeiros de Phileas Fogg e seu criado, fixarei a caução para cada um no considerável valor de mil libras (vinte e cinco mil francos).
- [...]
- Eu pago -, disse esse cavalheiro (VERNE, 2018, p.138)

No Brasil, é reconhecida sua grande influência na Literatura e em outras áreas. Reconhece-se Júlio Verne, direta ou indiretamente, nas obras de escritores como Raul Pompéia, Olavo Bilac, Graça Aranha, Graciliano Ramos, Brito Borca, dentre outros (FERREIRA, 2013, p. 15251). Apesar dos acontecimentos fantásticos, a sua escrita que descreve a realidade, os contextos, também possui pontos de identificação com o Realismo (a descrição dos meios de transportes e dos costumes, por exemplo).

Em "A Volta ao Mundo em 80 dias", a fantasia se dá, principalmente, nos acontecimentos inusitados e no lapso temporal que se deu o percurso. Isto pode ser verificado observando-se outras duas viagens reais de circunavegação no globo terrestre. A primeira volta ao mundo saiu em 1519 e durou 3 anos, capitaneada pelo navegador Fernão de Magalhães. Dos 250 tripulantes, apenas 18 sobreviveram (PICHEL, 2019, s/p). E, em 1924, 52 anos após a obra em comento, uma volta ao mundo de avião durou cerca de 6 meses (HANGAR 33, 2016, s/p).

Na obra de Júlio identifica-se, inclusive, uma comunicação por meio do dialogismo do filósofo Bakhtin, que leva em conta aspectos verbais e não verbais, o contexto social, histórico e ideológico. Verne, por exemplo, apresenta conceito ou conjunto de conceitos de forma mais completa e complexa (FERREIRA, 2013, p. 15253). Em "A Volta ao Mundo em Oitenta Dias" desenvolve bem os temas, produzindo réplicas, possibilitando uma compreensão ativa por parte dos leitores por meio desta atividade dialógica (FERREIRA, 2013, p. 15254).

O livro traz de fundo o dilema entre o ser humano e as forças desconhecidas do planeta, seja Deus ou deuses, para os que creem, ou simplesmente o meio ambiente. O desafio posto é superar não só a distância em determinado lapso de tempo, mas também as forças da natureza. Mais uma vez o "homem" tentando superar os limites impostos por

seu entorno, colocando-se de certa maneira acima destas intempéries: "Phileas Fogg assistia a esse espetáculo do mar furioso com sua habitual impassibilidade, que parecia lutar diretamente contra ele" (VERNE, 2018, p.160).

Talvez por isso o herói da trama seja alguém, que não se identificando ao certo sua história de vida, possa ser qualquer inglês de sua época e classe social, um "homem do mundo":

Phileas Fogg era rico? Sem dúvida. Mas como fizera fortuna, isso era coisa que até os mais bem informados não podiam dizer [...]
Ele tinha viajado? Era provável, porque ninguém conhecia melhor o mapa do mundo. Não havia lugar por mais recôndito que fosse, do qual ele não demonstrasse ter um bom conhecimento (VERNE, 2018, p. 19).

Contemporâneo ao Romantismo, ironiza com este, com os estereótipos do gênero literário. O personagem Phileas Fogg já traz isto em sua descrição inicial ao ser comparado com Lord Byron (VERNE, 2018, p. 17), precursor das obras românticas. O cavalheirismo, próprio da época, é outra marca: "Que um inglês como ele desse a volta ao mundo com uma mala de viagem, até que seria aceitável, mas uma mulher não poderia fazer os mesmos nessas condições " (VERNE, 2018, p. 177). Não apenas em relação ao ideal romântico, mas para fazer críticas sociais também brinca com tipos preconcebidos:

Senhor cônsul, - respondeu dogmaticamente o inspetor de polícia, - os grandes ladrões sempre se parecem com pessoas honestas. O senhor entende que aqueles que têm cara de bandido só têm uma coisa a fazer a fazer, que é permanecerem honestos, pois se assim não for, serão presos. As fisionomias honestas são as que mais precisamos examinar. Esse trabalho é difícil, eu concordo, e se trata mais de arte que de profissão. (VERNE, 2018, p. 56)

Enfim, "A Volta ao Mundo em 80 dias" é uma trama bem elaborada, utilizando conhecimentos científicos e invenções da época, com episódios fantásticos, que apresenta a multiculturalidade da sociedade mundial. Um romance escrito com bom humor, trabalhando propositalmente com certos clichês, inclusive, pelo final feliz no qual o herói, Phielas Fogg, alcança êxito e termina com a "mocinha" da história, a Sra. Aouda. Nos próximos tópicos serão abordados o debate científico da obra, e os aspectos relacionados ao colonialismo, globalização e inclusão/exclusão.

2.2. O inovador debate científico presente no livro e padrão da vida moderna anunciada

Os conhecimentos científicos demonstrados nos livros levam a crer que Júlio Verne possuía uma sólida formação em ciência. Entretanto, o autor era advogado, trabalhava na bolsa de valores, foi político, chegando a ser vereador em Aimiens (MAESTRO VIRTUALE, 2020, s/p), mas como um homem de seu tempo era um curioso e fascinado com os inventos que a revolução industrial trazia. Assim, apesar de não ser um cientista de formação, foi um autodidata, podendo até ser considerado um alfabetizador da ciência (CONCEIÇÃO, 2018, p. 348). Como bem coloca o Prefácio de Oleg Almeida no livro, "custa a crer que Júlio Verne, advogado formado e corretor da Bolsa de valores, só tenha empreendido uns cruzeiros marítimos, comprando um iate e navegando próximo ao litoral europeu " (VERNE, 2018, p.11).

Importante ressaltar que realizou inúmeras pesquisas científicas, onde adquiriu os conhecimentos geográficos (BEZERRA, 2016, s/p). Ele estudou ainda geologia, engenharia e astronomia (MARQUES, 2009, p.3). E há o reconhecimento específico de que "A Volta ao Mundo em 80 dias" traz contribuições para o ensino da Física, pois consegue por meio do romance tratar de questões como espaço-tempo, cinemática, termodinâmica, movimento e energia (FERREIRA, 2013, p. 15248 e 15255). Não é à toa que é considerado precursor da ficção científica (LETRAS IN.VERSO E RE.VERSO, 2013,s/p).

Júlio Verne, de forma justa, é tido como um grande visionário (MARASCICULO, 2018, s/p). Em suas obras encontram-se previsões, à época, fantásticas, que se concretizaram tempos depois. No Livro "Da Terra à Lua", de 1865, antecipou uma viagem que somente foi realizada em 1969. E ainda antecipou o modo e o local de lançamento do foguete (o Cabo Canaveral, nos Estados Unidos). Em "Vinte Mil Léguas Submarinas", de 1870, falou de veículo movido por eletricidade, que ainda não existia, como material de mergulho que seria apenas inventado em 1943 e, armas semelhantes aos *tasers* da atualidade. E, de forma incrível, em "O Dia de um Jornalista Americano no Ano 2889" de 1889, antecipa jornais televisivos e aparelhos semelhantes aos *smartphones* de hoje.

Além da Revolução Industrial, máquinas e invenções diversas que, claramente, impactaram o livro em comento, a criação da disciplina da Geografia, o aprofundamento da área tem impacto na obra de Júlio Verne. Ressalte-se que as sociedades de Geografia de Paris e de Londres, por exemplo, foram fundadas na primeira metade do Séc. XIX, respectivamente, 1821 e 1830 (AMORIM FILHO, 2008, p.111):

Segundo Pereira (1999), ela aparece como disciplina escolar integrante do currículo na Alemanha, no início do século XIX. Alguns anos antes, esse mesmo país havia consumado sua unificação territorial e a existência da Geografia na educação teria importante papel na consolidação da identidade espacial alemã, uma exigência para qualquer Estado Nacional recém-criado. Portanto, a Geografia dos professores, ensinada no ensino primário e secundário, teve seu primeiro impulso durante a popularização da escolarização alemã ao longo do século XIX. Apesar de a primeira cátedra universitária de Geografia (na Alemanha) ter sido criada em 1820, em Berlim, apenas entre 1860 e 1870 as demais universidades do país passam a contar com tais cátedras, visando a estimular a formação de professores primários e secundários. Concomitante a essa expansão e, obviamente, em decorrência dela, se deu também o crescimento da produção de obras editoriais geográficas e cartográficas (PEREIRA, 1999).

Diferente do caso alemão, na França, a primeira cátedra em Geografia data de 1809. Contudo, nesse país a formação de professores para as escolas primárias e secundárias se efetiva, mais amplamente, apenas nas últimas décadas do século XIX, quando se deu a reforma do ensino, resultante da derrota na guerra franco-prussiana (1870). Ao longo das décadas seguintes ficou evidente a preocupação do governo em valorizar o ensino de Geografia na França (LACOSTE, 1988; MORAES, 2005) (RIBEIRO, 2011, p. 822).

As descobertas da ciência, as inovações tecnológicas, a superação de dogmas religiosos e dos obstáculos naturais animava o momento histórico e se refletiram na obra de Júlio Verne. Acreditava-se que o homem e sua capacidade inventiva eram capazes de superar qualquer dificuldade, criando um dogma antropocêntrico imprudente, que se fez presente no livro, por exemplo, no episódio da travessia da ponte pelo trem, sem refletir sobre os riscos e perdas (VERNE, 2018, p.268).

3. A GLOBALIZAÇÃO PRENUNCIADA

O livro "A Volta ao Mundo em 80 dias" pode ser lido também como uma ode à interação mundial, propiciada pelo mercado financeiro e o avanço tecnológico. Neste tópico, além de apresentar os elementos que permitem tal compreensão, se quer fazer o debate crítico sobre a forma como se deu este estreitamento das relações e diminuição das distâncias. O processo de globalização que se fez possível pela Revolução Industrial que ocorria na época da obra, não pode ser visto apenas sob a ótica de um romance bem humorado. Ocorreram guerras, genocídios, violações de direitos que impedem uma redução romantizada.

Mas se deve ler esta obra também como um prenúncio, pois ressaltou questões novas, inusitadas, extraordinárias para o momento que depois alcançaram a normalidade no presente. Diversos elementos da contemporaneidade já existiam na época do Júlio Verne, mas cresceram em dimensão com o passar do tempo. Ele percebeu determinadas

tendências e deu destaque, como no caso da imprensa. A super exposição dos acontecimentos, a polêmica na mídia estão presentes no livro: "O Times, o Standart, o Evening Star, O Morning Chronicle, e vinte outros jornais de grande repercussão, se declararam contra o Sr. Fogg. Apenas o Daily Telegraph o apoiou cordialmente" (VERNE, 2018, p.48).

Um olhar europeu, firmado na filosofia positivista, de uma história linear, determinista, com causas e efeitos previsíveis, articulado por um racionalismo sem igual está no livro (MACEDO, 2014, p.129 e 130). Acompanhando-o, pode se afirmar que o demonstrado por Verne foi se aperfeiçoando, complexificando até chegar no que hoje se chama de globalização:

Realmente, a palavra globalização só será verdadeiramente empregada a partir dos anos de 1960, com a chegada da Guerra Fria e de um comércio que tinha necessidade de pôr em contato negociantes do mundo todo. Observamos que os anos de 1980 são responsáveis pelo início do momento em que a ideia de globalização se espalha num contexto caracterizado pela liberalização dos mercados financeiros, ao longo do globo terrestre. Apesar das muitas interpretações do vocábulo ao longo dos anos, Júlio Verne tinha um pensamento à frente da sua época, pois desde os primeiros momentos de sua obra[...] ele antecipa a concepção de globalização (MACEDO, 2014, p. 133)

Interessante que, na obra em questão, a volta ao mundo se dá no sentido do Oriente e o Séc XIX foi o apogeu do colonialismo, com expansão do capital e do Ocidente (ALMEIDA, 1998, p.120). E Júlio Verne chama atenção para o colonialismo no livro (MACEDO, 2014, p. 135):

Fix e Passepartout compreenderam que haviam entrado em um salão de fumo repleto de miseráveis, atordoados, emagrecidos e idiotas, para os quais a mercantil Inglaterra vendia anualmente algo em torno de duzentos e sessenta milhões dessa funesta droga que se chama ópio! Tristes milhões de gastos com um dos piores vícios da natureza humana (VERNE, 2018, p.170).

Muitos observam que a sua obra é perpassada por valores humanistas, republicanos, quando boa parte da Europa vivia sob regimes autoritários, tendo clara posição antiescravista, com um franco otimismo no futuro da humanidade (AMORIM FILHO, 2008, p. 112).

Mas Verne também faz a diferença entre progresso científico e progresso técnico, entre progresso moral e progresso político, tendo uma postura crítica por certa desumanização causada pelos novos ritmos da vida moderna (ALMEIDA, 1998, p.125). O personagem que simboliza a espontaneidade humana perdida, no livro aqui analisado,

Passepartout: "era um rapaz corajoso, fisionomia amável[...] A prudência mais elementar não permitiria dizer se a personalidade expansiva desse rapaz combinaria com a de Phielas Fogg" (VERNE, 2018, p.28).

3.1. Uma crítica colonial a seu tempo e lugar de fala

Júlio Verne era uma pessoa de seu tempo e espaço. Um europeu com acesso à educação, à informação, que viveu a época da expansão colonial do Séc. XIX, no qual havia uma crença no potencial humano, a partir da razão e defendia-se um ideal civilizatório dos colonizadores/invasores. Por isso mesmo, não se pode analisar os seus textos tão somente com o olhar do presente, sem cair num anacronismo, há de se observar o contexto social, político e histórico (VIZEU; MATIZ, 2018, p.414). Há que se perceber o lugar do autor e que seria muito difícil o mesmo se desvencilhar da ideologia Ocidental, havendo, então, certo determinismo geopolítico (SPIVAK, 2010, p.21).

Claro que Verne tinha uma clara perspectiva eurocêntrica (MARQUES, 2009, p. 10), mas a seu modo e tempo foi crítico ao que conhecia, com todas as limitações que seu lugar no mundo o conduzia. E na obra, de certa forma, reconheceu e brincou com isso, já que o relógio de Passepartout viajava pelo mundo com ele, mas não se atualizava, continuava referenciado ao horário de origem, sendo a Europa Ocidental o centro de tudo, até em relação ao sol:

- Eu sei o que houve-, respondeu Fix.- O Senhor ainda está no horário de Londres, que tem aproximadamente duas horas a menos de diferença de Suez. É preciso ter cuidado de acertar o relógio em cada país.
- Eu? Mexer no meu relógio?-, bradou Passepartout.- Nunca!
- Pois então ele não estará mais sintonizado com o sol.
- Pior para o sol! Ele, sim, que estará errado!
(VERNE, 2018, p.69)

A obra aborda a vida econômica, política e cultural por onde passa (ALMEIDA, 1998, p.21). Isto pode ser notado na descrição de burocracias nos países onde passavam. O domínio de determinados conhecimentos, ligados a quem se coloca numa posição de conquista e dominação se encontra no escritor e em seu protagonista. As metrópoles, os impérios sempre procuraram produzir conhecimento sobre o mundo que visavam conquistar, manter sua dominação, "civilizar". Assim foi com a Escola de Sagres (MELO, 2000, p.18), a Companhia das Índias Ocidentais (MATOS, 2011, p.173), os brasilianistas

(SALLES, 2017, p.248) e a Escola das Américas (LOPES, 2016, p. 190), por exemplo, cada um a seu modo e perspectiva.

Júlio Verne não servia a nenhum interesse colonial, formalmente. Mas seus romances estão num contexto de desvelar o mundo que se expandia sob a dominação europeia e, de certa forma, legitimava a marcha desenvolvimentista e "civilizatória" que os países da Europa alegavam fazer. O progresso, a conquista da natureza, ideais ocidentais espalhados pelo planeta, estão presentes na obra de Verne:

Esta inabalável marcha dos heróis, presente em outros romances do autor, ilustra metaforicamente a inexorabilidade de outra marcha, a do Progresso, do crescente domínio do homem sobre a Natureza através da Ciência. Uma perfeita síntese do desenvolvimento histórico guiado por leis inexoráveis e extas, exatamente como a personagem de Verne: Phileas Fogg[...] (ALMEIDA, 1998, p. 124)

A marcha dos heróis, na visão dos europeus conquistadores, claro que é algo romantizado. Na maioria das vezes são omitidas as violações de direitos, as covardias, as traições, dentre outras práticas espúrias. Relevante que o mundo é visto a partir da Europa e os nascidos lá saem para desbravá-lo corajosamente. Este espírito de se lançar ao desconhecido, simbolicamente, pode ser encontrado no personagem Phielas Fogg no *whist*, no seu jogo de cartas no qual joga, ao que narrado, sem pretensão de ganhar, só por jogar (VERNE, 2018, p.20). Da mesma forma que um colonizador se lançaria a outras terras, sem pretensão de domínio, mas pelo gosto da aventura. Lembrando que a volta ao mundo nesta obra é provocada por uma simples aposta: "Um bom inglês nunca brinca quando se trata de uma coisa tão séria quanto uma aposta -, respondeu Phielas Fogg (VERNE, 2018, p.39) ".

Entretanto, há uma crítica ao colonizador e seus crimes no livro. Isto pode ser depreendido, dentre outras falas, na do agente consular do Reino Unido, em Suez, que se dirigindo ao Sr. Fix diz: "o senhor sabe que um criminoso inglês está sempre mais bem escondido em Londres que em qualquer lugar do mundo" (VERNE, 2018, p.57). Certo que quem comandava os empreendimentos coloniais na metrópole estava muito menos exposto a acusações, revoltas e vinganças dos povos conquistados.

Já em outros momentos, Verne reproduz a visão caricata e preconceituosa sobre outros povos, bem característicos do colonizador como quando se referiu aos "selvagens papuas" (2018, p.143), ou então aos índios americanos:

Ao mesmo tempo, os sioux tinham invadido os vagões e corriam como macacos enlouquecidos na parte superior do trem, arrombando portinholas e travando lutas corpo a corpo com os passageiros [...]eram esmagados pelas rodas dos vagões como se fossem vermes (VERNE, 2018, p. 277)

Esta construção segue a crença de que os europeus teriam atingido um alto grau de desenvolvimento (FANON,1968, p. 76) e que os demais ainda não haviam alcançado. Mas a ideia de bem-estar é diferenciada. Além do mais, o conforto material alcançado por alguns segmentos deu-se em cima da exploração e violação de direitos de outros. Parte também do pressuposto de um único modelo ideal de vida, que todos gostariam de imitar. Todavia como bem alertou o yanomami Davi Kopenawa, embora ele conheça os costumes e a língua, de modo algum quer ser um homem branco (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 75).

Não há em Verne, e nem poderia haver, a atual crítica que se faz à globalização ditada pelo mercado, pelo sistema-mundo Capitalista (WOLKMER, 2015, p.398), mas há, na obra, a identificação de que o dinheiro, o capital é força motriz desta expansão Ocidental, simbolizada na viagem empreendida por Phileas Fogg: "Até agora, o dinheiro do cavalheiro tinha falado mais alto que os obstáculos " (VERNE, 2018, p. 305). Justamente este é um vetor de desigualdade no espaço-tempo mundial, a globalização da economia (SANTOS, 2001, p.289). Pode-se perceber esta desigualdade na proposição de hoje da livre circulação de mercadorias, mas não de pessoas. Fato curioso na obra em questão, que o controle do direito de ir e vir dos indivíduos à época não sofria um controle rígido. A população da Europa que saía pelo mundo era menos controlada. Quando o fluxo inverteu, diversos obstáculos foram opostos: "Bem, o senhor sabe que esta formalidade do visto é inútil, e que a apresentação do passaporte não é mais exigida?" (VERNE, 2018, p. 63).

3.2.Inclusão/exclusão na Volta ao Mundo

Importante perceber que o que é desenvolvimento para uns pode significar opressão e exploração para outros. Certas inclusões políticas, sociais e econômicas deram-se às custas da exclusão de outras pessoas, de outros povos. Assim, o que pode ser entendido por progresso, termina por ser um fator de exclusão para muitos.

A visão acrítica do progresso do europeu, apesar de algumas ressalvas e ponderações, encontra-se presente em "A Volta ao Mundo em 80 dias". A sua relação

com o progresso pode ser verificada na preocupação em datar os acontecimentos desde as primeiras páginas (MARQUES, 2009, p.6), típico do pensamento histórico linear ocidental: "No Ano de 1872, a casa de número sete de Saville-row, Burlington Gardens- onde Sheridan morreu em 1814- era habitada por Phileas Fogg [...]" (VERNE, 2018, p.17).

Há um cuidado, ou alerta nas obras de Verne sobre esta marcha do progresso e do desenvolvimento, mesmo que tímida. Não chega a ser uma crítica que proponha caminhos diversos. Entretanto pode-se verificar que chama a atenção para determinados perigos, por meio das forças da natureza, das catástrofes, no embate do ser humano com seus limites, e as consequências que para si e para o meio podem trazer:

As catástrofes presentes nos diversos romances que compõem as *Viagens Extraordinárias* não são provenientes jamais do acaso: a energia que as provoca é dotada de um senso moral. Tempestades, erupções, naufrágios, erros de máquinas inventadas pelo homem são respostas à transgressão de barreiras éticas que o conhecimento deve se colocar (ALMEIDA, 1998, p. 125 e 126).

Nesta concepção de mundo imposta é concebido um ideal de cidadania, um padrão homogeneizado de ser humano. Apesar do olhar sociológico de Verne identificar tal construção, parece não estar convencido de que tenha que ser totalmente assim. O ser humano moderno, para a cultura ocidental é ali representado pelo personagem Phielas Fogg. Ele tem uma postura diante da vida de um *warkoholik*, a não ser por sua condição abastada, também poderia ser um trabalhador *uberizado*, alguém padronizado, mecânico, como se tivesse saído de uma linha de montagem:

Philleas Fogg era como essas pessoas matematicamente exatas, que nunca estavam com pressa e estavam sempre prontas, que são econômicas em seus passos e movimentos. Ele não perdia tempo olhando para o teto e não se permitia nenhum gesto supérfluo. (VERNE, 2018, p.26)

A caricatura feita pelo autor denota um tom de crítica, de que, não necessariamente, precisa ser desta maneira. Porém, também pode significar que, apesar da aparência fria e metódica de máquina, num agir de enorme eficiência, o europeu possui sensibilidade, ajuda as pessoas por onde passa, respeita as regras locais e ainda salva a "mocinha" de bárbaros.

O Estado de Direito, os direitos humanos, as garantias e direitos fundamentais, são uma conquista inclusiva no mundo. Contudo, os seus termos e conceitos foram muitas vezes utilizados na História para servir a interesses contrários a seu escopo, como guerras

por recursos naturais, subjugação de povos, dentre outras ações nefastas. O comentário sobre isto se faz pertinente pois há referência no livro sobre direitos e garantias, quando se fala da necessidade de um mandado judicial, para que se efetive uma prisão, e que só pode ser utilizado, dentro da sua área de competência:

Vou apressar Londres, enviando um telegrama para que eles emitam um mandado de prisão para Bombaim, embarcar no Mongólia, vigiar meu ladrão até as Índias e, lá, nessa terra inglesa, vou abordá-lo educadamente com o mandado na mão e mão no ombro dele (VERNE, 2018, p. 71 e 72).

Contudo, importante lembrar que há, quanto a isso, pessoas que são *subincluídas* e outras *sobreincluídas* em face do Estado de Direito na modernidade periférica (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016, p.125). Há pessoas para os quais em relação a deveres, restrições de liberdade são *sobreincluídas*, mas em questão ao respeito a direitos, a acesso a políticas públicas são o inverso. É óbvio que Phileas Fogg, um cavalheiro inglês, em terras dominadas pelo Império Britânico não teria suas garantias processuais atingidas:

A subintegração significa dependência dos critérios do sistema (político, econômico, jurídico etc.) sem acesso a suas prestações. A "Sobreintegração" implica acesso aos benefícios do sistema sem dependência de suas regras e critérios (NEVES, 1994, p. 150).

A viagem do protagonista de "A Volta ao Mundo em 80 dias", como a expansão colonial é fechada à diversidade humana, não lhe interessa, a não ser a consecução de seus propósitos: "Ele nem cogitava visitar a cidade, pois era desse tipo de inglês que envia seu criado para visitar os países pelos quais passa" (VERNE, 2018, p.65). A Sra. Aouda, de uma determinada maneira, só foi salva e acolhida na expedição, por ser europeizada, por abandonar sua identidade original, atendendo ao resultado esperado na empreitada colonizadora "civilizatória":

Ela era uma indiana de admirável beleza, da raça pársi, filha de ricos negociantes de Bombaim e, nessa cidade, a moça recebeu uma educação absolutamente inglesa, e, devido às suas maneiras e a sua instrução, pensavam que fosse europeia (VERNE, 2018, p. 112)

A sua inclusão assim foi possível na medida que se desprende de seu mundo. Se em tese as normas garantem direito a todos, falta a concretização das mesmas, possuindo apenas relevância simbólica (NEVES, 1994, p.151), quando se trata de pessoas marginalizadas. O padrão de vida inglês, ao final, foi garantido à Sra. Aouda pelo

reconhecimento e empatia do colonizador, Phileas Fogg, tendo em vista ela ter aderido ao modo de vida britânico. E na lógica de metrópole/colônia, colonizador/colonizado, dominador/dominado, há de se perceber que só há os incluídos, porque existem os excluídos (MASCAREÑO; CARVAJAL, 2015, p.144). Assim, pode-se dizer que para as pessoas dos países centrais, a lei ganha uma outra importância, sendo compreensiva e assertiva presente na obra que para todo inglês, a lei é sagrada (VERNE, 2018, p.132).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A Volta ao Mundo em 80 dias" pode ser entendida como uma alegoria da expansão dos valores culturais ocidentais e do domínio colonial, como vetor "civilizatório". Não se pode cair no erro de criticar o autor com o olhar da contemporaneidade, mas sem dúvida seu lugar de fala é eurocêntrico. Observou-se que, apesar das limitações que possuía devido a sua posição social e época, não era totalmente insensível aos problemas da modernidade e do choque de civilizações que existia.

Verne percebeu que, por meio do mercado e dos avanços tecnológicos, o mundo estava ficando "menor". Trouxe o atemporal dilema do ser humano frente às forças da natureza, para mostrar que ele estava alcançando, por meio da razão, êxito em seus propósitos. Não ficou indiferente a problemas trazidos pela modernidade, como a automação das pessoas, presas a horários e condicionadas por determinadas regras, tanto que as colocou de forma irônica no protagonista Phileas Fogg, "um verdadeiro homem automático" (VERNE, 2018, p. 30).

O artigo terminou por observar que a globalização prenunciada por Verne, não trouxe apenas pontos positivos para a humanidade. Negou identidades, foi excludente e intensificou a exploração de determinados povos por outros, à custa de violações de direitos. Neste sentido a obra literária, classificada como um romance do gênero da ficção científica, também pode ser entendido como um texto sociológico, pois a vida social humana, com um determinado corte temporal, demonstrando facetas comportamentais das pessoas inseridas em processos sociais globais (GIDDENS, 2008, p.2). Usando caricaturas, metáforas e exageros próprios da Literatura, não se propôs a fazer juízos de valor, mas tão somente demonstrar uma realidade social. No caso, um mundo em transformação por avanços científicos e interesses do capital.

Cabe ainda fazer a ressalva de que a obra de Júlio Verne foi tolhida e direcionada pelo mercado, satisfeito apenas com um prenúncio positivo para a modernidade, ao que

parece. Em sua obra chamada "Paris no século XX", de 1863, quer dizer, 9 anos antes do livro aqui discutido, o jovem protagonista apesar de todos os avanços, não é feliz, chegando a ter um fim trágico. Este jovem vive num tipo de arranha-céu de vido, há carros a gás, trens muito rápidos, calculadoras e uma rede comunicações similar ao que hoje é a *internet*. Por ter sido considerada sombria, não foi publicada (MAESTRO VIRTUALE, 2020, s/p).

A viagem de Phileas Fogg é o encontro dos diferentes, em posições sociais extratificadas, propiciado pelas novidades da engenharia, das máquinas recém criadas pela humanidade. Do que decorreu tal empreitada, para além do ganho da aposta de seu protagonista, não se preocupa a obra com tais consequências. O mesmo pode-se afirmar da globalização, cujo início encontra-se de forma romaneada na obra. Apresenta-se o fato, as distâncias no mundo ficaram menores, as pessoas, os povos, as culturas estão fisicamente mais próximas, de forma conflitante ou não, podendo comerciar, confraternizar, interagir de maneira cada vez mais rápida e eficiente. Os "80 dias", agora, pode-se dizer que já são ultrapassados, como já foram na própria obra, sem perceber o protagonista superou sua meta, chegando um dia antes do que havia apostado, colocando-se a frente de seu tempo (VERNE, 2018, p.343).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio de. **A literatura de aventuras e a expansão do ocidente** (as viagens extraordinárias, de Júlio Verne). Revista de Ciências Sociais v.29 N.1/2 1998. Disponível em: [file:///C:/Users/viaca/Downloads/42581-Texto%20do%20artigo-140374-1-10-20191121%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/viaca/Downloads/42581-Texto%20do%20artigo-140374-1-10-20191121%20(1).pdf). Acesso em: 30 set 2020. Publicado em: 1998.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Literatura de explorações e aventuras:** as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 107-119, DEZ. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a07v20n2.pdf>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 2008.
- BEZERRA, Katharyne. **Júlio Verne:** precursor da literatura de ficção científica moderna. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/julio-verne-precursor-da-literatura-de-ficcao-cientifica-moderna/>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 28 out 2016.
- CONCEIÇÃO, Verônica Alves dos Santos. **Ficção científica:** o escritor e o leitor (des) autorizados pela ciência. Linha Mestra, N.36, P.345-349, SET.DEZ.2018. Disponível em:

<http://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/125/134>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 2018.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Júlio César David. **A volta ao mundo em oitenta conceitos científicos: Júlio Verne e o ensino de Física.** Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/6948_4707.pdf. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 2013.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2008.

HANGAR 33. **Aventureiros que deram volta ao mundo de avião.** Disponível em: <http://blog.hangar33.com.br/aventureiros-que-deram-a-volta-ao-mundo-em-um-aviao/>. Acesso em: 30 set 2020. Publicado em: 16 mar 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOPES, Henrique Sena Guimarães. **Escola das Américas:** treinamento militar e ideológico no Canal do Panamá. Revista Hydra, vol. 1, n. 2, agosto de 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/viaca/Downloads/9131-Texto%20do%20artigo-37188-1-10-20190410.pdf>. Acesso em: 01 out 2020. Publicado em: 2016.

LETRAS IN.VERSO E RE.VERSO. **Júlio Verne.** Disponível em: <http://www.blogletras.com/2013/03/julio-verne.html>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 25 mar 2013.

LITERATURA E PSICOLOGIA. **Júlio Verne:** a viagem da sua vida. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/julio-verne-a-viagem-da-sua-vida/>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 01 jul 2020.

MACEDO, Ezequiel Bezerra Izaias de. **Elementos da literatura francesa do século XIX sobre a globalização:** contribuição à análise do pensamento visionário de Júlio Verne. Spécial Francophonie 2013/2014 - Especial Francofonia 2013/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231825/26006>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 2014.

MAESTRO VIRTUALE. **Júlio Verne:** biografia, estilo e obras. Disponível em: <https://maestrovirtuale.com/julio-verne-biografia-estilo-e-obras/>. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 2020.

MARASCIULO, Marília. **Júlio Verne:** previsões do autor que se tornaram realidade. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/03/julio-verne-previsoes-do-autor-que-se-tornaram->

realidade.html#:~:text=J%C3%BAlio%20Verne%20previu%20o%20que,suficiente%20para%20vencer%20a%20gravidade.&text=Na%20C3%A9poca%2C%20os%20ve%C3%ADculos%20mais,do%20relato%20imagin%C3%A1rio%20de%20Verne.. Acesso em: 29 set 2020. Publicado em: 27 mar 2018.

MARQUES, Miguel Ideli. **A ideia de progresso do século XIX na obra de Júlio Verne.** Disponível em: file:///C:/Users/viaca/Downloads/11633-31601-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 30 set 2020. Publicado em: 2009.

MASCAREÑO, Aldo; CARVAJAL, Fabiola. **Los distintos rostros de la inclusión y la exclusión.** Revista Cepal 1 1 6 • agosto de 2015. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/38800-distintos-rostros-la-inclusion-la-exclusion>. Acesso em: 01 out 2020. Publicado em: 2015.

MATOS, Clarence José de. **Os holandeses no Brasil.** Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/ArtigosUpload/17.185.pdf>. Acesso em: 01 out 2020. Revista Intellectus Ano VII | Nº. 17. Publicado em: 2011.

MELO, Caio P. de. **A história da ciência: as expansões marítimas.** CIÊNCIA HOJE • vº1.27•nº158. Disponível em: http://www.das.inpe.br/~alex/Ensino/cursos/historia_da_ciencia/expansoes_maritimas_CH.pdf. Acesso em 01 out 2020. Publicado em: 2000.

NEVES, Marcelo. **A Constitucionalização Simbólica.** São Paulo: Editora Acadêmica, 1994.

PICHEL, Mar. **A 1ª volta ao mundo: os 500 anos da viagem de Fernão de Magalhães, da qual só 18 dos 250 tripulantes sobreviveram.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49777017>. Acesso em: 30 set 2020.

RIBEIRO, Diógenes V. Hassan; RIBEIRO, Douglas Cunha. **Inclusão e exclusão: acesso aos direitos sociais nos países periféricos.** RIL Brasília a. 53 n. 210 abr./jun. 2016 p. 117-134. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/53/210/ril_v53_n210_p117. Acesso em: 01 out 2020. Publicado em: 2016.

RIBEIRO, Márcio Willyans. **Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 11, n. 34, p. 817-834, set./dez. 2011/

SALLES, Wesley Dartagnan. **A quebra do paradigma “Sentido Da Colonização”:** notas sobre o debate historiográfico do Brasil Colonial, Antigo Sistema Colonial e Antigo Regime nos Trópicos. Almanack no.15 Guarulhos Jan./Apr. 2017. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332017000100245.

Acesso em: 01 de outubro. Publicado em: 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. Tradução: Maria José Rodrigues. São Paulo: Martin Claret, 2018.

VIZEU, Fabio; MATIZ, Queila Regina Souza. **Anacronismo conceitual e construção social do conhecimento em estudos organizacionais**. Revista Organizações & Sociedade – v. 25, n. 86, p. 413-433, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/osoc/v25n86/1984-9230-osoc-25-86-413.pdf>. Acesso em 01 out 2020. Publicado em: 2018.

WOLKMER, Antonio Carlos. **Pluralismo Jurídico: fundamentos de uma nova cultura no direito**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.